

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SOBRE AS LUTAS REIVINDICATIVAS

do proletariado da cidade, do campo e do mar

Intervenção do camarada Sérgio Vilarigues ao VI Congresso

— EXTRACTOS —

O camarada S. Vilarigues começou por expor o objectivo da sua intervenção: «Esta intervenção, disse ele, é um balanço das lutas a que o «Avante!» fez referência e expressa algumas opiniões críticas e faz algumas considerações julgadas necessárias para o desenvolvimento da luta reivindicativa da classe operária e restantes trabalhadores da cidade e do campo. (...)

Saliente-se também desde já que muitas lutas de outro tipo havidas no decorrer destes anos não entram neste balanço geral, algumas das quais com uma extraordinária importância política, como foram as manifestações políticas de rua, as lutas estudantis, as lutas contra a guerra colonial, contra a repressão e pela amnistia, as lutas contra a política obscurantista da ditadura e pela defesa da cultura nacional, etc. A elas se fará somente uma ou outra referência de passagem. Para tornar porém, o quadro mais completo, e a simples título de informação, citar-se-ão as greves políticas realizadas neste espaço de tempo.

— **Greves Políticas:** — As greves declaradamente políticas de Junho-Julho de 1958, de protesto contra a grande burla eleitoral, tiveram lugar em 29 localidades do Alentejo, 27 das quais são centros de assalariados rurais. Em todo o Ribatejo, apenas duas localidades com forte predominância de assalariados rurais participaram nas greves — Alpiarça e Arcena. Pelo mesmo motivo, participaram nas greves operários industriais, da construção civil, pescadores e empregados de 23 localidades. Centros industriais tão importantes como Lisboa, Seixal, Montijo, Setúbal e distritos inteiros, como Aveiro e Braga, nenhuma participação tiveram.

Se bem que o Barreiro, Almada, corda industrial do Baixo Ribatejo, Porto e Matosinhos tenham participado nestas greves, fizeram-no de maneira tão imperceptível que só numa ou noutra empresa de certa importância o trabalho paralisou. O numero de fábricas e outras empresas participantes andou

à roda das seis dezenas. (...)

— **Greves e Paralisações:** — No espaço de tempo que tratamos, (...) em números gerais, assinalaram-se 103 greves e paralisações. (...) É difícil distinguir com precisão o que foi uma greve duma paralisação de trabalho, pois nas informações e no «Avante!» não é raro chamar-se greve a uma paralisação de duas horas, ou mesmo de alguns minutos, ao passo que não são qualificadas de greves paralisações que chegam a atingir a duração de dois dias. Resolvemos, por isso, juntá-las.

Do número de greves e paralisações indicadas, 41 cabem aos assalariados rurais e situaram-se em 32 localidades, 20 das quais no Alentejo, 3 no Ribatejo, 3 na Beira Alta, 1 em Trás-os-Montes, 5 no Algarve. A participação dos operários industriais, dos transportes, da construção civil, etc, e dos pescadores, nas greves e paralisações, registou-se em 33 localidades. (...)

— **Concentrações:** — No mesmo espaço de tempo, mencionaram-se 246 concentrações: 80 nas empresas, 76 nos sindicatos, 7 nas praças de jorna, 55 nas casas do povo e 23 várias. Deste total, 163 couberam aos operários industriais, dos transportes e comunicações, da construção civil, mineiros, portuários e pescadores, de gás e electricidade, etc, e 82 aos assalariados rurais. (...)

As concentrações dos assalariados rurais tiveram lugar em 24 localidades do Alentejo, 5 do Ribatejo e uma da região do Oeste. As do operariado industrial, construção civil, pescadores, etc, tiveram lugar em 42 localidades. (...)

— **Trabalho lento (cera)** — Esta forma de luta dos trabalhadores está ainda muito pouco generalizada. Pela leitura do «Avante!», apenas 21 casos foram localizados, alguns em grandes empresas, como a CUF do Barreiro, as minas de Aljustrel e do Cabo Mondego, os portuários de Leixões e Douro, os estaleiros navais de Viana do Castelo, a Siderurgia Nacional e a Mundet do Seixal. (...)

— Nos Sindicatos Nacionais — Importa ainda referir, embora de passagem, o crescente aproveitamento dos sindicatos pelos trabalhadores, como campo de luta pelas suas reivindicações económicas e sociais. (...) São exemplos desta forma de luta pela defesa dos interesses de classe as assembleias gerais que tiveram lugar no sindicato têxtil da Covilhã e no sindicato dos metalúrgicos de Vieira de Leiria em 1963; no sindicato dos curtumes de Alcanena, em 1964; no sindicato dos electricistas de Lisboa, em 1964 e 1965; no sindicato

dos empregados de imprensa e no dos portuários de Lisboa, em 1965; no dos bancários de Lisboa, Coimbra e Porto, em 1965; no dos Seguros de Lisboa, em 1965, etc. O número de participantes de algumas destas assembleias (mais de 3.000 e mais de 2.000, nas dos bancários de Lisboa e Porto, respectivamente, 700 na dos electricistas e dos Seguros, de Lisboa, várias centenas nas dos têxteis da Covilhã, portuários de Lisboa, curtumes de Alcanena, etc.) mostra que o interesse pela luta nos próprios sindicatos fascistas aumenta. (...)

VALORIZEMOS AS LUTAS TRAVADAS PELOS TRABALHADORES MAS NÃO FECHEMOS OS OLHOS ÀS DEBILIDADES DA ACÇÃO DO PARTIDO

Já foi dito noutra parte desta intervenção, que o balanço das lutas seria muito incompleto e assim é efectivamente. (...) Houve mais greves, mais paralisações, mais concentrações, foram criadas mais comissões de Unidade e outros organismos legais, semi-legais e ilegais para as organizar e dirigir. Porém, o facto de não estarem assinaladas no «Avante!» mostra que existem grandes debilidades no terreno de organização, mostra que muitas organizações e militantes do P. não estão ligados às massas como seria para desejar. (...) Para defenderem o seu pão, melhorarem as suas condições de vida e de trabalho, para avançarem decididamente no caminho difícil que conduz ao derrubamento da ditadura fascista, é necessário que a classe operária e restantes trabalhadores multipliquem o número de lutas havidas nos últimos anos e que seja igualmente elevado o seu nível em todos os aspectos. Para isso, as organizações e os militantes do Partido devem também multiplicar os seus esforços, particularmente no terreno da organização e da mobilização de massas.

Em Lisboa, por exemplo, no período de tempo decorrido, apenas foram mencionadas uma greve e uma paralisação parciais na Empresa geral de Transportes; uma greve de 40 empregados da C.P.; uma greve dos tipógrafos do «Diário Popular»; uma greve de 40 trabalhadores da Melgaço, Vidago e Pedras Salgadas; uma paralisação na empresa Abel Pereira da Fonseca. Destaque-se, porém, pela sua grande importância, pelo seu carácter massivo e pela combatividade demonstrada, a concentração de 2.000 operários da Carris de Lisboa, junto da gerência, em 1960; as 4 concentrações respectivamente de 2.000, 1.500 e centenas de operários, em 1962, e as 3 sucessivas com cerca de 2.000 operários cada uma, no primeiro semestre de 1965, por aumento de salários e outras regalias.

No Porto, também no que respeita a lutas de tipo superior, as coisas foram mais ou menos semelhantes: em 1963 e 1964, tiveram lugar pequenas paralisações de centenas de metalúrgicos em várias empresas. Além disto, é de salientar a combatividade demonstrada pelos trabalhadores dos Transportes colectivos do Porto em 1962; lutando por aumento de salários e outras reivindicações, realizaram 8 concentrações no Sindicato e uma na empresa algumas com a participação de mais de mil operários. (...)

Quanto aos corticeiros, foi em 1958 a 1959 que estes operários mais se movimentaram pela satisfação das suas reivindicações económicas, em particular por aumento de salários e por trabalho garantido. (...)

Por volta de 1960, os corticeiros lutavam sobretudo contra os despedimentos. Em 1961, lutavam por aumento de salários; em 1962, contra a burla do Contrato Colectivo de Trabalho e, de 1963 a 1965, por aumento de salários e contra a exploração. (...) As debilidades da organização partidária e a quase ausência completa da organização extra-partidária — Comissões de Unidade, Comissões Sindicais, etc. — se deve, em grande medida, a estreiteza e o baixo nível das lutas dos operários corticeiros.

Em relação aos mineiros, verifica-se uma certa continuidade na luta e grande combatividade dos mineiros nas minas de Aljustrel. Em contra partida, as minas de S. Domingos, Loussal, S. Pedro da Cova, Cabo Mondego e Pejão raramente aparecem nas colunas do «Avante!». (...)

Também os pescadores, especialmente os da sardinha, mostraram uma grande combatividade através destes anos. (...) Assim, em 1959, mais de 6.000 pescadores de Matosinhos, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Afurada e Murtosa mantêm-se 70 dias em greve por maiores ganhos e melhores condições de trabalho, tendo alcançado uma grande vitória. Neste mesmo ano, e pelo mesmo motivo, de novo os pescadores de Matosinhos e de Vila do Conde realizam uma série de concentrações massivas de 500, 1.000, 1.200 e mais, respectivamente na praia, na Casa dos Pescadores e na Capitanía e os pescadores de bacalhau que se lançaram na greve para fazerem triunfar as suas reivindicações. Em 1960, são 500 pescadores de Olhão que fazem greve acompanhada de concentração. Em 1961, em Peniche, concentração de 2.000 pescadores por melhores condições de vida e de trabalho. Em 1962, greve de 300 pescadores da Gafanha. Em 1964, novamente greve em Matosinhos e grande greve dos 10.000 pescadores de toda a costa do Algarve que durou 15 dias e foi acompanhada de manifestações de rua e de choques com as forças repressivas. (...)

Quanto aos assalariados rurais, em especial do Alentejo, a sua combatividade, heroísmo, espírito de unidade e de organização são características e têm sido brilhantemente postos à prova em mil e um combates pelo pão, pelo trabalho, por aumento de jornas e melhores condições de trabalho, pelo horário de 8 horas, contra a repressão e pela amnistia, pela democracia e a paz. (...)

No decorrer destes anos, são de destacar as greves, concentrações e manifestações durante a campanha eleitoral para a Presidência da República em 1958, no 1º de Maio de 1962 e pela conquista do horário de 8 horas em que participaram directamente cerca de 200.000 assalariados em várias zonas do Alentejo e numa ou noutra zona de outras províncias, em 1962-1963 e 1965. De salientar também é a greve vitoriosa por melhores jornas e pela libertação dos companheiros presos dos assalariados rurais de Almeida, Vermiosa e Malpartida, em 1964. (...) De salientar ainda é a luta e a grande concentração dos assalariados rurais da zona do Bombarral, junto da Câmara Municipal, em 1965, por melhores jornas e pelo horário de 8 horas, que conseguiram obter de maneira oficializada. (...)

Este quadro positivo não consegue e não deve, porém, cobrir o quadro negativo que se expõe aos nossos olhos: são ainda restrictas as zonas onde os assalariados rurais combatem de maneira mais ou menos organizada. (...)

Em relação ao proletariado industrial, já alguma coisa ficou dita. Deve destacar-se, além disso, a recente movimentação dos 5.000 marmoristas da re-

gião de Pero Pinheiro que, da reclamação junto do patronato, por intermédio das Comissões de Unidade, passaram às grandes concentrações massivas junto do Sindicato, e por fim à greve. Quer dizer, foi uma luta com princípio, meio e fim, como costumava dizer-se.

Independentemente da grande combatividade e coragem dos marmoristas, o desenvolvimento natural desta grande luta da classe operária deve-se ao facto da organização do Partido a ter acompanhado desde o princípio, de se terem criado os organismos legais e clandestinos para mobilizar e orientar os trabalhadores em luta pelas suas reivindicações. (...)

A estatística de lutas que acabamos de traçar, embora muito parcial, não pode satisfazer ninguém, não só pelo seu número absolutamente insuficiente, mas também pelo baixo nível de muitas delas, pequenez de outras e, acima de tudo, porque em sectores importantíssimos do ponto de vista de concentração da classe operária industrial e de assalariados rurais como Lisboa, por exemplo, quase se não registaram lutas reivindicativas durante um tão longo espaço de tempo. (...)

A ORGANIZAÇÃO—FACTOR DECISIVO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA E DAS MASSAS TRABALHADORAS

Em relação a todo o conjunto das lutas travadas, se muitas houve com princípio, meio e fim, e algumas de certa grandeza e importância, a característica principal que nelas sobressai é a de um deficientíssimo trabalho de mobilização de massas na base de palavras de ordem bem ajustadas a cada situação e casos concretos. Além disso, notam-se ainda grandes debilidades na organização das lutas, e mesmo ausência completa de quaisquer formas de organização partidária e extra-partidária, para orientar as lutas de massas reivindicativas. Daí, em grande medida, a morte à nascença de muitas lutas, os resultados negativos de algumas e a estagnação de muitas outras. (...)

A organização e a orientação das lutas da classe operária e das massas trabalhadoras não podem constituir simplesmente uma preocupação e uma tarefa de um dado momento: elas deverão ser, antes e obrigatoriamente, uma preocupação e uma tarefa permanentes das organizações do Partido e de todos os seus militantes. É que as lutas da classe operária, das primárias às de tipo superior, não se podem decretar nem fazer eclodir a golpes de manifestos e tarjetas: elas exigem preparação, organização e conveniente orientação, passo a passo, dia a dia, diremos mesmo, hora a hora. E só porque nem sempre assim se faz é que se verifica que uma infinidade de lutas não passam da sua fase embrionária ou se mantêm estacionárias durante longo tempo. Estão nestas condições a CUF, a têxtil de algodão do Norte e da Carris do Porto e muitas outras. (...)

A burguesia e o seu governo não exploram e oprimem o proletariado por temporadas, a exploração e a opressão exercidas pela grande burguesia portuguesa e pela sua ditadura fascista sobre o proletariado são permanentes. Permanente deve

ser, pois, a tarefa das organizações do Partido e de cada um dos seus militantes no esclarecimento, mobilização e organização dos trabalhadores para uma luta incessante em defesa dos seus interesses de classe. (...) O Partido Comunista foi criado e existe para conduzir o proletariado ao combate, orientá-lo nas mil e uma batalhas pela defesa dos seus interesses de classe contra a burguesia e, mais do que isso, conduzi-lo à tomada do poder político. Esta é uma verdade de todos conhecida.

Vê-se assim que todo o trabalho do Partido, todas as tarefas do Partido, no seu conjunto, e de cada um dos seus militantes em separado, devem ser orientadas para a organização e condução das lutas da classe operária e restantes trabalhadores, pelas suas reivindicações imediatas de carácter económico, social e político.

Nos últimos tempos, começou a falar-se mais na necessidade de recorrer à greve, tanto na propaganda e agitação do Partido, como entre alguns sectores trabalhadores. O facto, que em si é positivo, não é porém suficiente para fazer triunfar as reivindicações dos trabalhadores e para que estes se lancem nesta forma superior de luta. Uma greve, mesmo parcial, não terá lugar pelo simples facto de a desejarmos. (...)

De um modo geral a greve é o ponto culminante do desenvolvimento de formas de luta mais simples: exposições assinadas, diligências das Comissões de Unidade junto das gerências das empresas, dos Sindicatos e das autoridades, em nome dos trabalhadores e, sempre que possível, acompanhadas por eles; concentrações massivas com as Comissões de Unidade à frente; diminuição da produção (cera); pequenas paralisações de trabalho enquanto as Comissões de Unidade vão apresentar as reivindicações ao patronato ou exigir



a sua satisfação, etc. (...)

Para que uma greve possa ter a participação total dos trabalhadores de uma fábrica ou ramo de indústria determinados, de todos os trabalhadores de uma localidade ou região, etc., é necessário que os próprios trabalhadores tenham a consciência de

que já não há outra maneira de fazer vingar as suas reivindicações e defender os seus direitos. E só pela própria experiência, adquirida no desenvolvimento das várias lutas de carácter legal, os trabalhadores ganham essa consciência, e nunca pela magia do nosso desejo. (...)

DO ECONÓMICO PARA O POLÍTICO

A tomada de consciência política das largas massas trabalhadoras da cidade e do campo, (...) tem de passar obrigatória e constantemente pela escola da luta por melhores condições de vida. Parte-se assim do económico para o político. Os trabalhadores sentem diariamente a necessidade de ganhar salários mais conformes com o custo da vida, de terem uma casa modesta mas uma casa, de terem férias pagas, assistência médica e farmacêutica, de estarem seguros contra o desemprego, a invalidez, a velhice, etc.. Se, por exemplo, quase todos os funcionários públicos, civis e militares, têm direito a um mês e mais de férias pagas todos os anos, o que consideramos justo, porque não gozam do mesmo direito os operários? Acaso não suportarão os seus magros salários descontos para os fundos de desemprego, Previdência, Caixas Sindicais, etc.? Ou será que o seu organismo abelado por um trabalho esgotante durante um ano de trabalho não necessita das mesmas férias e do mesmo repouso para se recompor? (...)

Em 1962, cerca de 73.000 operários e empregados da indústria têxtil receberam 670.000 contos em salários e ordenados. Em média, cada trabalhador recebeu por ano 9.180\$00,

ou seja 25\$15 por cada um dos 365 dias do ano. É claro que há na têxtil quem ganhe mais e muito mais, mas o facto só contribui para baixar a média do salário da maioria dos trabalhadores desta indústria.

Nas indústrias de conservas de peixe e corticeira, a situação é ainda pior, se considerarmos o que cada um ganha durante o ano inteiro e não por cada dia de trabalho. (E só assim podemos analisar a situação, pois os trabalhadores e suas famílias precisam de comer o ano inteiro ...) (...)

Só com uma experiência vivida na luta pelo pão diário e por outras reivindicações, acompanhada de um constante esclarecimento ideológico e político desenvolvido pelo Partido, os trabalhadores adquirirão a consciência política de classe, o forte espírito de organização, unidade e disciplina indispensáveis para elevar a níveis superiores as suas lutas, pacíficas e não pacíficas, até à insurreição popular armada, que porá fim à ditadura fascista. (...)

Depois de referir ainda algumas LUTAS CONTRA A RE-PRESSÃO, o camarada Vilarigues tira algumas conclusões:

EM DIRECÇÃO ÀS MASSAS TRABALHADORAS

Naturalmente que cada forma de luta exige formas próprias e particulares de organização. No centro de todas, deverão estar as organizações do Partido, delas deverão partir as iniciativas, das mais simples às mais audazes, e em todos os sentidos. Para o poderem fazer de maneira correcta, as organizações do Partido, no seu conjunto, e cada um dos seus militantes, em particular, precisam de estar estreitamente ligados, por mil e um fios, às largas massas trabalhadoras, (...) nos sindicatos, Casas do Povo e dos Pescadores, Cooperativas, associações culturais, recreativas, desportivas, etc., (...) e realizar na prática a linha do Partido. (...)

Os comunistas deverão discutir directa e permanentemente com os trabalhadores, na sua qualidade de companheiros de

trabalho, transmitir-lhes experiências, incutir-lhes confiança nas suas próprias forças, procurando mostrar com exemplos simples a situação difícil que se atravessa e onde estão os verdadeiros responsáveis e os inimigos a combater. Discutir com os trabalhadores, ouvir atentamente as suas opiniões, ensiná-los e aprender com eles, estar sempre entre eles e com eles, tal deve ser a tarefa primordial dos militantes do Partido. (...)

Ir directamente às massas é uma condição indispensável para se poder levar à prática a linha política do Partido, para se poder fomentar, organizar e orientar de maneira correcta as lutas da classe operária e restantes trabalhadores, por melhores condições de vida, contra a ditadura fascista, pela democracia e o socialismo.

O PARTIDO E AS LUTAS DO PROLETARIADO

A capacidade realizadora de um Partido comunista avalia-se pelo que faz na prática em defesa dos interesses da classe operária, das massas laboriosas e do País.

No aspecto que tratamos, já vimos que o seu trabalho durante o período analisado foi positivo. O Partido organizou e dirigiu, do princípio ao fim, um grande número de lutas, desde as pequenas e simples, como exposições assinadas, passando pelas concentrações massivas junto das gerências das empresas e nos Sindicatos, até às greves económicas e políticas, e às grandes manifestações de rua directamente contra o regime. Podemos mesmo dizer que as mais importantes lutas de massas havidas, económicas e políticas, foram organizadas e dirigidas pelo Partido, embora acusando muitas e graves deficiências e erros que importa debater profundamente para os eliminar na nossa luta futura. (...)

Cremos poder dizer que a acção directa na preparação, eclosão e orientação das lutas que tiveram lugar foi mais larga do que à primeira vista podia parecer, e que não têm ra-

zão os camaradas que criticam a imprensa do Partido por dar muito destaque às lutas, por valorizá-las em demasia.

Excepcionalmente uma ou outra inexactidão, uma ou outra apreciação mais ou menos exagerada, a imprensa do Partido, e em especial o «Avante!» não têm pecado por valorizar em excesso as lutas de massas; ao contrário, não têm sabido valorizá-las devidamente e tirar delas todas as lições para servir devidamente o Partido e os trabalhadores.

A actividade partidária de massas, e em particular a propaganda e agitação, deve orientar-se no sentido do esclarecimento aprofundado de que todas as batalhas generalizadas do proletariado e das massas populares, por reivindicações limitadas, são o preâmbulo da grande batalha geral que conduzirá à conquista da liberdade política. Conquistada esta, como resultado do derrubamento da ditadura e destruição do aparelho de Estado fascistas, estarão criadas as condições que permitirão que a classe operária se una e organize amplamente, para o desenvolvimento em grande do movimento operário nacional.

LIBERALISMO E INDISCIPLINA, INIMIGOS JURADOS DO PARTIDO!

Tem-se afirmado várias vezes que se não pode pensar em conduzir a luta sem baixas. O inimigo existe e trabalha afanosamente para nos atingir. Ele tem uma experiência acumulada quase única no mundo, tem ao seu dispor recursos materiais e humanos difíceis de avaliar, tem nas suas mãos poderes imensos e a imunidade para o cometimento de todos os crimes, mesmo os mais tenebrosos como pôde ver-se ainda recentemente no assassinato de H. Delgado. Mas, apesar de tudo isto, continuamos ainda a assistir ao cometimento de numerosas faltas liberalistas, às mais grosseiras infracções da disciplina do Partido, etc.. Há camaradas que pela forma ligeira como orientam o seu trabalho, põem em risco não apenas a sua segurança, como a segurança de outros camaradas, de instalações e de aspectos importantes do trabalho e valores do Partido. Porquê um tal comportamento? Porquê se cometem erros tão graves? No fundamental as razões encontram-se no:

LIBERALISMO E INDISCIPLINA

Liberalismo e indisciplina são irmãos gémeos, diríamos mesmo siameses. Onde está um não pode faltar o outro. Sem o cometimento de graves faltas liberalistas que levam obviamente ao desprezo de muitas resoluções e regras conspirativas, não teria a polícia podido desferir-nos o golpe de 1961. Sem o cometimento de outras faltas idênticas não se teriam, provavelmente, verificado as prisões de Lisboa, Porto e Buarcos, em 1962, como também o miserável Verdial não teria podido causar tantos estragos ao Partido com a sua repelente traição em 1963.

A análise destes golpes está no fundamental feita e a sua enunciação aqui mais não pretende que recordar quão desastrosos têm sido os efeitos do liberalismo e a indisciplina dentro do Partido.

Em Maio de 1964, teve lugar no Sul outro grave desastre. Vários funcionários, quadros ilegais e intermédios foram presos e várias organizações foram destruídas pela polícia. Referindo-se a este golpe policial o camarada A. Cunhal dizia no seu relatório ao VI Congresso: «As tendências esquerdistas custaram muito caro ao Partido nos anos de 1963-64 e estão na origem de muitas das nossas dificuldades nesse período». Esta conclusão do camarada Cunhal não sofre contestação, mas também não restam dúvidas que este golpe se alargou porque na euforia das tendências esquerdistas se cometeram as mais graves faltas liberalistas e infracções à disciplina do Partido.

No «Militante» 139, de Setembro último, foram tiradas algumas conclusões acerca do golpe de Abril do mesmo ano, no qual foi preso o camarada D. Abrantes, sua companheira e também dois tipógrafos e dois quadros intermédios.

«Uma debilidade do trabalho conspirativo reside no liberalismo que em matéria conspirativa se manifesta na subestimação da natureza do regime

fascista (...) no desrespeito pelas regras conspirativas, na indisciplina; que se manifesta na falta de vigilância revolucionária e na falta de controle. O liberalismo cuja raiz política oportunista se filia na concepção ideológica pequeno-burguesa, que se faz sentir na actividade de muitos quadros; constitui um dos grandes males da defesa do Partido. Extirpá-lo é uma das condições indispensáveis para melhorar a defesa.»

Com efeito, foi por liberalismo, por não ter observado como era seu dever, uma regra conspirativa que o camarada D. Abrantes foi preso. Também só ao mais irresponsável liberalismo se pode atribuir o terem-se posto em contacto com a tipografia camaradas queimadíssimos e conhecidos como tal. A movimentação que se vinha fazendo no sector a começar pelos camaradas mais responsáveis, estava recheada de faltas liberalistas que poderiam ter ocasionado um golpe ainda mais severo no Partido.

Recentemente foi preso o camarada Ilídio Esteves. Pelo que já se apurou, pode admitir-se que este camarada tenha sido entregue ao inimigo, o que, a ser assim, retira desde logo ao camarada Ilídio a responsabilidade fundamental da sua prisão. Todavia, não deixa de constituir grave falta de vigilância o facto do camarada não ter sabido recuar perante uma situação que via pouco clara, pois o camarada da casa que tentava abordar quando foi preso, já havia faltado a encontros e portanto era de admitir que pudesse estar preso. É evidente que nestas condições ao camarada Ilídio não competia avançar, mas recuar e encontrar outras formas de apurar o que havia.

Se a estas prisões juntarmos toda uma série de infracções às regras conspirativas e muitas mais manifestações liberalistas e de indisciplina, temos de concluir que:

NOVOS PERIGOS NOS AMEAÇAM

A longa série de desastres dos últimos anos, com a imensidade de dificuldades que deles têm resultado para todo o trabalho do Partido, deviam bastar largamente para corrigir deficiências e concepções de trabalho que lhe estão na origem.

Quando atrás se afirma que novos perigos nos ameaçam quer-se chamar a atenção para o facto de haver ainda numerosos camaradas que continuam a cometer graves faltas liberalistas, graves violações da disciplina do Partido, etc.. Como é sabido, vários funcionários têm caído nas mãos do inimigo porque não respeitam a regra há muito estabelecida de não avançar para as casas ilegais do Partido sem ter a certeza do que lá se passa. O camarada D. Abrantes foi a última vítima desta grave falta. Lamentavelmente nem lições tão duras como esta chegam para a correcção de tais erros. Ainda recentemente um funcionário com tarefas de direcção, depois de várias vezes criticado por cometer faltas da mesma natureza, em vez de lutar para a sua correcção, procurava numa importante reunião do Partido obter apoio para essas faltas! Outros camaradas há que praticam faltas semelhantes e de outro tipo. Por exemplo, há ainda cama-

radas que com todo o à vontade são capazes de andar e mesmo permanecer em sítios concorridos e às horas mais inconvenientes. Há outros camaradas que conhecendo aspectos altamente secretos do trabalho do Partido, deixam com toda a facilidade que tais aspectos cheguem ao conhecimento de outros camaradas. Por outro lado, são também ainda frequentes as conversas de «sobremesa» e outras em que se descompartmentam aspectos importantes de trabalho, se deixam entender identidades, etc. Para além disto, e o que não é menos negativo, há camaradas que não só não têm uma atitude correcta perante a revelação de segredos do Partido, de problemas de quadros e outros, como revelam uma curiosidade pouco sã, pois tudo procuram saber, tudo procuram descobrir, o que é revelador de características profundamente negativas que há que combater com toda a energia. O combate a estas e muitas outras faltas não pode fazer-se com pleno êxito, se cada camarada e em especial aqueles que com frequência desrespeitam as regras e resoluções estabelecidas, se não derem conta que essas faltas facilitam a acção policial, enfraquecem o Partido organicamente e minam o seu prestígio entre as massas.

A DEFESA DO PARTIDO

Para se compreender toda a importância da defesa do Partido é necessário compreender e avaliar o seu papel histórico, não somente para o derrubamento do fascismo, mas para a transformação da sociedade portuguesa. A perseguição desenfreada que a polícia nos move, mais não é, que um agudíssimo aspecto da luta de classes no nosso país. A própria polícia e o governo fascista ao perseguirem os comunistas tão raivosamente, não o fazem a pensar que podem ainda destruir o partido. Estas ilusões devem estar perdidas desde há muito, mas eles pretendem por todos os meios enfraquecer o Partido o mais que puderem com vista, por um lado, a prolongarem a sua existência tanto quanto lhes seja possível, por outro lado, impedirem que o Partido chegue ao levantamento nacional contra a ditadura fascista devidamente organizado e fortalecido e possa conduzir a classe operária até à conquista de importantes reivindicações sociais que venham a enfraquecer seriamente o regime capitalista no país, ou mesmo abrir caminho para a sua derrota total. Ao perseguirem tão encarnicadamente os comunistas, o fascismo e a sua matilha policial, olham ao mesmo tempo para o presente e para o futuro.

Porém, a defesa do Partido nada tem de abstrac-

to, ela é antes de tudo a defesa de cada um dos seus militantes. A defesa colectiva não anula, antes pressupõe a defesa individual, porque, cada camarada que se defende mal, defende mal o Partido, cada camarada que se deixa cair no liberalismo e na indisciplina, introduz no Partido elementos antile-ninistas, abre fendas na muralha defensiva do Partido, tornando-o mais vulnerável aos golpes do inimigo. Por isto mesmo e à medida que a repressão aumenta, tem de aumentar a intransigência do Partido para com o liberalismo e a indisciplina e outras faltas que enfraquecem a sua capacidade de resistência.

Percorremos uma curva muito apertada da luta revolucionária no nosso país. O inimigo põe em jogo recursos imensos para atacar o Partido. O Partido tem que deitar mão de todos os recursos ao seu alcance para se defender e fortalecer, mas isto não pode ser alcançado enquanto não varremos de todo o nosso trabalho o liberalismo e a indisciplina, enquanto não conseguirmos que uma disciplina de ferro, deixe de ser no Partido uma simples imagem literária, para se transformar de facto, numa coordenada, pela qual temos cada vez mais que orientar toda a nossa actividade.

NOTA — Já depois de redigido este artigo tomámos conhecimento que novas prisões tinham ocorrido em Lisboa. Entre os militantes do Partido presos figura o camarada Rogério de Carvalho. Por falta de elementos quanto à causa de mais este golpe policial, não podemos, para já, sobre ele tirar as conclusões que se impõem. Porém, sejam elas quais forem, não podem senão confirmar a justeza das nossas preocupações quanto aos perigos que nos ameaçam, se cada camarada se não

comprometer da necessidade de dar combate intransigente às manifestações de liberalismo e indisciplina dentro do Partido, se cada organismo — desde os de direcção aos de base — não inscrever essas preocupações e a defesa geral do Partido num dos temas centrais de discussão, para tirar conclusões e resoluções que não poderão cair no esquecimento depois. Defender o Partido das arremetidas do inimigo fascista é tarefa de todos os organismos e de todos os militantes do Partido.

PROBLEMAS ACTUAIS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

FORTALECER A ORGANIZAÇÃO E A ACTIVIDADE DO PARTIDO ENTRE OS ESTUDANTES

1—O Partido é de longe a organização política com influência ideológica predominante entre a juventude estudantil. Este facto, que nos deve orgulhar, deve também chamar-nos a atenção para as nossas responsabilidades e as deficiências do nosso trabalho.

Para melhor compreendermos a importância e significado do predomínio das ideias revolucionárias do marxismo-leninismo entre a juventude estudantil, é necessário termos em conta que, no nosso país, o ambiente político, económico e social em que vive a imensa maioria dos jovens estudantes é predominantemente burguês, tal como é burguesa a sua origem de classe.

A pressão ideológica da burguesia exerce-se continuamente e de forma directa através de todos os canais do enorme aparelho de propaganda do Estado fascista. A educação e disseminação dos conceitos de vida burguesa começam a fazer-se sentir sobre os jovens que ocupam os bancos da Universidade praticamente a partir do primeiro leite que bebem. Além disso, todo o sistema educacional, desde os programas de ensino até à selecção do professorado, está orientado para formar a mentalidade e a consciência política dos jovens estudantes num sentido de classe, no sentido dos interesses de classe da burguesia. Não devemos esquecer que é dos bancos da Universidade que saem os quadros com que a burguesia dominante renova os lugares de comando, civis e militares, do seu aparelho burocrático e da máquina de Estado fascista. Daí o seu cuidado e preocupação com tudo o que possa interferir com a educação ideológica da juventude no sentido em que está orientada.

Face à força irresistível das ideias revolucionárias de que o Partido é portador junto da juventude e que esta abraça cada vez com maior força, voltando as costas a tudo o que de caduco e reaccionário representam o poder e a ideologia da grande burguesia, os governantes salazaristas sentem-se desorientados e alarmados. Sentindo o perigo que significa para a estabilidade do regime fascista de os filhos condenarem e desprezarem a ideologia dos seus progenitores burgueses, diz o ministro da Educação: «Seria como uma família em que os filhos se levantassem contra os pais.» («Século» de 10-XI de 1964).

O paternalismo fascista que o governo quer impor à juventude estudantil dentro da Universidade e que no mesmo discurso o ministro definiu como o de «uma verdadeira família em que a paternidade física se substitui a intelectual», é cada vez mais repudiado pelos estudantes, como o demonstram

as suas lutas dos últimos anos.

A diferença de conceitos é fundamental. As posições são irreconciliáveis:—A juventude quer uma Universidade Livre e luta por ela, o fascismo quer uma Universidade escrava e tenta impô-la. A luta é por isso inevitável. É a luta entre o que é novo e avança para o futuro, para o caminho luminoso do Socialismo, e o que é velho e caduco, mas que luta desesperadamente para sobreviver. Repudiando toda a injustiça social, tudo o que é podre no regime fascista corrompido até à medula e que representa a forma mais reaccionária de poder da burguesia ao serviço da negra empresa da exploração do homem pelo homem, a juventude luta por um futuro livre, pelos ideais do comunismo, inspirando-se no humanismo marxista, na ideologia do proletariado—a classe do futuro.

As aspirações e reivindicações políticas da juventude estudantil identificam-se cada vez mais com as reivindicações e as lutas políticas do nosso povo contra a tirania fascista. Integrando-se cada vez mais nesta luta e impulsionada por ela, a juventude estudantil é hoje uma força de vanguarda ao lado do proletariado na luta pela Liberdade e a Democracia.

2—Tendo em conta esta realidade e para reforçar cada vez mais a actividade revolucionária deste combativo sector da juventude portuguesa, o Partido deve trabalhar para fortalecer a sua organização e influência no meio estudantil. Devemos recrutar para o Partido os jovens, rapazes e raparigas, mais firmes e combativos, os que mais se tenham destacado à frente das massas juvenis no decorrer das lutas.

Criar fortes núcleos de jovens comunistas em cada escola, capazes de orientarem justamente a massa estudantil no prosseguimento da luta pela liberdade e a democracia, é uma tarefa inadiável do Partido no terreno da organização.

Formar quadros firmes política e ideologicamente que assimilem os princípios ideológicos e orgânicos do Partido; que assimilem e cumpram as regras do trabalho partidário clandestino; que tenham um elevado conceito da dignidade e da honra em toda a sua conduta; que saibam portar-se firmemente ante o inimigo fascista em caso de prisão, deve ser uma regra a orientar todo o nosso trabalho de formação e selecção de quadros do Partido entre os estudantes.

Quadros que sejam verdadeiros dirigentes e uma organização verdadeiramente actuante deve ser o lema do trabalho partidário neste sector.

Para que o papel dirigente do Partido se afirme

como forma superior de organização ele deve estar em condições de influir na orientação e direcção de outras formas de organização da juventude, sem que isto signifique que deva dominar em tais organizações pelo número dos seus militantes nelas incluídos. O Partido precisa, sim, de definir uma orientação correcta que seja compreendida e aceite pela massa estudantil e indicar as formas de luta e de organização mais adequadas a cada momento.

O Partido precisa de ter uma organização coesa e actuante. Mais do que uma organização muito numerosa e amorfa, interessa ter em cada Escola um forte núcleo de militantes em que a unidade de pensamento e de acção à volta da linha do Partido seja uma constante da sua actividade. Uma organização que não viva absorvida com os seus próprios problemas internos e alheada das massas, mas que seja o motor da luta de massas, que mergulhe nelas as suas raízes.

3—Para desempenhar-se desta tarefa de forma honrosa a organização juvenil estudantil, quer universitária quer liceal ou das escolas técnicas, precisa extirpar alguns vícios e erros orgânicos do passado que tanto prejuízo causaram.

De entre os defeitos mais frequentes na organização juvenil destaca-se a descompartmentação e a inconfidência conspirativa. A persistência nestes defeitos facilitou bastante o alargamento do golpe policial de Janeiro de 1965. Dar-se «ares» de revolucionário, exhibir presunçosamente em público, nos cafés e noutros locais, os seus conhecimentos «marxistas» e dar a entender que se está no conhecimento dos deuses, confundir desnecessariamente junto de amigos a sua filiação no Partido, exhibir, também desnecessariamente, documentos do Partido, são tudo hábitos e tendências negativas características do revolucionarismo pequeno-burguês infelizmente demasiado frequente entre os estudantes, dada a sua origem de classe. Infelizmente também, o inimigo está atento e sabe aproveitar-se destes deslizes para ir assassinando, sem os comete, tomando assim conhecimento do que devia ser bem guardado. Um membro do Partido consciente das suas responsabilidades, por muito jovem que seja, deve combater intransigentemente em si próprio e nos outros estas deficiências. Deve assimilar a verdadeira consciência revolucionária de classe do proletariado e a simplicidade e modestia dos verdadeiros comunistas. Deve saber guardar, dos próprios amigos, os segredos conspirativos que lhe são confididos.

Dado o predomínio das tarefas associativas no trabalho prático dos activistas do movimento estudantil, tem sido também um erro muito frequente a sobreposição deste tipo de tarefas na actividade dos quadros do Partido mais capacitados, em prejuízo de tarefas responsáveis no trabalho de organização. Na prática este erro paga-se caro. Em geral todo o trabalho desce de nível quando se desviam das tarefas orgânicas para as actividades e cargos associativos os melhores quadros do Partido em cada Escola. Fazê-lo significa subordinar todo o desenvolvimento e perspectivas futuras do trabalho partidário à preocupação do êxito imediato no trabalho associativo deste ou daquele sector. Como prova do que é dito está o facto de se lutar presentemente com mais dificuldades de quadros precisamente naquele sector onde este erro foi mais vincado no passado. Desviando os melhores quadros da actividade orgânica para o trabalho associativo, é evidente que com o debilitamento da organização partidária todo o trabalho se ressentia incluindo, à distância, o próprio trabalho associativo no que se refere à definição e aplicação de uma boa orientação. O Partido, por todas as formas ao seu alcance, desde a agitação ao destacamento de quadros e à ajuda constante ao desenvolvimento do trabalho associativo, deve acarinhar este, procurar que ele sirva os interesses de grande massa, da Universidade e do País. Mas nunca deve esquecer que é necessário na actividade prática encontrar um justo equilíbrio na distribuição dos quadros tendo sempre em conta que o que decide é a força e autoridade da organização do Partido como forma superior da organização. De resto a experiência demonstra-nos que há inúmeros jovens sem partido cheios de qualidades e dispostos a trabalhar esperando apenas para se revelarem que lhes confiem responsabilidades e que os orientem no seu trabalho. É pois um erro ter a pretensão de preencher todos os cargos responsáveis com elementos «nosos», com membros do Partido.

Um outro erro grave no trabalho partidário tem sido a ausência duma rigorosa compartimentação entre o trabalho legal e o trabalho ilegal. Toda a experiência do trabalho revolucionário do Partido ensina que quadros com tarefas ilegais não devem, em caso algum, ter tarefas de responsabilidade no trabalho associativo e vice-versa. Esta regra é uma condição fundamental para a defesa de ambas as actividades. Que ela foi grosseiramente violada no passado mostre-o o facto de ter

havido casos em que dirigentes associativos acumulavam esta responsabilidade com a de membros do organismo responsável da célula da Escola.

Um erro deste tipo tem normalmente três consequências negativas — não permite um bom desempenho de qualquer das tarefas, «queima» a actividade legal e abre à acção do inimigo aspectos conspirativos da actividade partidária.

Finalmente, queremos referir-nos ao falso conceito da Unidade que tem sido defendido e nalguns casos aplicado por camaradas nossos no movimento estudantil.

A orientação do Partido para o trabalho unitário no seio das massas estudantis é ditada pela preocupação de que os organismos unitários dirigentes sejam o mais possível representativos e tenham o máximo apoio e confiança das massas que representam. Esta preocupação deve estar presente quer se trate da formação duma lista para a direcção duma Associação, quer da eleição dum Secretariado de RIA quer ainda da composição duma comissão de apoio ou duma comissão de campo ou qualquer outro organismo unitário estudantil extra-Universidade.

Duas tendências erradas se têm manifestado na aplicação desta orientação. Uma delas, defendida por alguns camaradas, diz que a expressão unitária, particularmente de organismos mais responsáveis, só será alcançada no dia em que o Partido, através de acordos com certas correntes políticas burguesas, faça entrar em tais organismos, a par dos membros do Partido, representantes de tais correntes. Sem excluir que isto possa ser feito em casos muito especiais, nomeadamente onde tal ou tal organização política tenha, a par do Partido, uma actividade e influência política comprovadas, pensamos que este não deve ser o método normal para a formação dos organismos unitários estudantis. O critério selectivo deve ser determinado pelos méritos individuais, pela autoridade e prestígio pessoais junto das massas estudantis daqueles que se propõem ser seus dirigentes. Dentro destas condições pensamos que não deve intervir qualquer exclusivismo político. Na actividade prática isto quer dizer que se para a formação duma lista unitária não devemos guiar-nos pela preocupação de que esteja forçosamente representada esta ou aquela corrente política, também não devemos por princípio excluir qualquer dos seus representantes se estes têm prestígio entre as massas e gozam do seu apoio.

A segunda tendência errada no trabalho unitário estudantil é a daqueles camaradas que não sabem fugir à tentação de confiar apenas em comunistas para os cargos dirigentes do movimento associativo. Assegurar uma maioria de gente «fixe» de gente «nossa» em tal ou tal comissão ou organismo estudantil é uma tendência sectária muito frequente. Isto é um grave erro que corresponde a esvaziar tais organismos do conteúdo unitário que devem realmente ter, transformando-os na prática em organismos de Partido com uma actividade legal com todos os perigos que isso comporta. Ao mesmo tempo, deixam-se frequentemente de fora jovens sem partido, destacados e com prestígio entre as massas, cuja inclusão em tais organismos daria a estes uma composição unitária mais de acordo com o pensamento das massas que esses organismos representam ou dirigem.

A julgar pelos resultados conhecidos, nas eleições das direcções de algumas A.E. em Lisboa, para o ano escolar de 1965/66, parece-nos haver exemplos de bom e mau trabalho unitário. Onde foi bom, a afluência foi grande e a lista unitária venceu sem oposição ou quase; onde foi mau, a divisão foi grande numa afluência já de si relativamente pequena.

O Partido deve ajudar os estudantes a corrigir conceitos errados de trabalho unitário que conduzem frequentemente a disputar estêreis entre si. Só um trabalho de unidade estudantil largo e maleável, tal como o Partido preconiza, permitirá isolar na Universidade a minoria de elementos fascistas e anti-associativos e fazer das Associações verdadeiros baluartes à volta dos quais se unam todos os jovens na luta pelos seus direitos e reivindicações universitárias.

X X X X X

O reforço do trabalho entre os estudantes, corrigindo os defeitos e erros analisados, permitirá elevar ainda mais a actividade revolucionária deste importante e combativo destacamento da juventude portuguesa colocando-o cada vez mais ao lado do proletariado e do povo português na luta pela Paz e a Democracia, contra a guerra colonial e por um Portugal Livre e Feliz.